

DESALINHANDO O OLHAR NUTRIDO PELA MÍDIA: EXPERIMENTO AUDIOVISUAL

Jéssica Thaís Demarchi

Resumo: O presente texto pretende apontar alguns possíveis desdobramentos da produção audiovisual em práticas pedagógicas no ensino de Arte. Será feita a descrição de uma oficina de audiovisual experimental direcionada à sensibilização do olhar e uma experiência de auto aplicação da oficina, demonstrando sua eficácia quanto à desnaturalização da produção de subjetividade impulsionada pela mídia de massa.

Palavras-chave: audiovisual, sensibilização do olhar, ensino de arte.

Abstract: The present text seeks to point out some possible developments of the audiovisual production in pedagogical practices of Art education. The description of an experimental audiovisual workshop alongside its self application will be presented throughout the text, showing the workshop efficiency to sensitize the sight in order to denaturalize the production of subjectivity influenced by mass media.

Keywords: audiovisual, sensitize of sight, art education.

Introdução

A proposta deste trabalho debruça-se sob a ótica de uma emergência pela desconstrução das subjetividades padronizadas, tão frequentemente impostas pela grande mídia. Com a finalidade de questionar e desestabilizar a estética e os conteúdos midiáticos que nos impingem diariamente em ritmo frenético, recorre-se neste trabalho à sensibilização do olhar através da linguagem audiovisual, tão utilizada pela mídia de massa, como um antídoto contra essas forças que desvirtuam e moldam nossos perceptos.

Ao referir-me ao uso do audiovisual no ensino de Arte, falo da produção audiovisual experimental por parte dos discentes. Na tentativa de melhor demonstrar a concepção da proposta, será feita a descrição de uma oficina de audiovisual projetada para ser realizada com estudantes provindos de contextos distintos. A oficina em questão, que foi inclusive testada por mim como demonstrado posteriormente, vislumbra uma possibilidade de desnaturalizar e desacostumar o olhar doutrinado pela mídia.

Objetivando introduzir e justificar a importância da produção audiovisual nas aulas de Arte, na seção a seguir são traçadas algumas breves linhas que relacionam a linguagem videográfica ao ensino de Arte na contemporaneidade.

Desdobramentos audiovisuais no ensino de Arte

É possível notar frequentemente em trabalhos que empregam o audiovisual no contexto do ensino formal, sua proposição como ferramenta exclusiva de exposição de informação e não como o fazer audiovisual exercido pelos educandos. Geralmente, a prática está impregnada de técnicas de produção tradicionais, repletas de regras ou apresenta o intuito de desconstruir a aula deixando-a mais dinâmica. Garcia, Baraúna e Maneschy (2013, p. 1017) afirmam que “os materiais de vertente audiovisual acabam sendo utilizados como meros meios ilustrativos de conteúdos diversos, inclusive em disciplinas que não Arte”.

No intuito de problematizar essa situação, discutindo a importância das práticas audiovisuais em sala de aula, vislumbro um alargamento da compreensão desse fazer no âmbito das aulas de Arte. Desapego-me do compromisso com técnicas padronizadas para que o aluno possa dispor de maior liberdade ao explorar sua subjetividade. Apresento a produção audiovisual experimental como estratégia pedagógica para que o discente seja reconhecido como produtor de sentidos, compondo signos, expressões e socializando seus saberes através da sensibilização do olhar.

Segundo Cláudia Zamboni de Almeida (2006, p. 73), a imagem ocupa um lugar de destaque em sala de aula, dessa forma é importante que os arte-educadores se perguntem se os conteúdos selecionados a serem trabalhados em Arte “estão dando conta das imagens divulgadas na televisão, publicidade, e outros meios que usam a imagem para comunicar”? Na tentativa de dar conta de uma parcela dessa demanda imagética exigida pelo ensino de Arte na sociedade atual, alvitro a produção de conteúdo audiovisual em sala de aula. Assim, é possível explorar a vídeo arte, ampliando o repertório do estudante de forma que ele conheça novas maneiras de utilização dessa linguagem, além de revisitar com um olhar mais sensível, propagandas televisivas e vídeos que circulam nas redes.

Parece-me imprescindível que as propostas desenvolvidas para o ensino de Arte sejam estruturadas “numa relação com o mundo cotidiano contemporâneo” (Almeida, 2006, p. 73). Nesse sentido, sabe-se que a soma das mutações que ocorrem no campo da informática, das telecomunicações, do nível de portabilidade ao qual chegamos no

século XXI acarreta uma série de mudanças nos conjuntos das práxis dos indivíduos. O comportamento, as relações, a cultura, o trabalho e a educação sofrem influência dessas transformações. Segundo Cristina Costa:

É nesse cenário que a educação tem que rever seu paradigma letrado e adentrar o campo das imagens e das linguagens tecnológicas para que possa ultrapassar as barreiras que separam duas culturas: uma, eurocentrada, iluminista e burguesa, baseada na escrita como forma de produção e controle do conhecimento; e outra, globalizada, massiva, baseada em múltiplas linguagens e tecnologias de comunicação, *dentre as quais se afirmam de forma hegemônica os meios audiovisuais*. (2013, p. 23, grifo meu)

A autora torna evidente a relevância da incorporação da linguagem audiovisual por parte do ensino devido sua presença marcante na sociedade contemporânea, além da estruturação de ações pedagógicas que permeiam o sistema escolar de acordo com as necessidades atuais, acompanhando as transformações de nosso tempo.

Recorrendo aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do ensino médio na seção da linguagem Arte (Brasil, 2000), verifica-se o incentivo à introdução da prática audiovisual em sala de aula e do reconhecimento do discente como produtor de conhecimento, indo na direção de algo que Félix Guattari (2001, p. 15) aponta como “uma pedagogia capaz de inventar seus mediadores sociais”.

Quanto às competências e habilidades a serem desenvolvidas em Arte, os PCNs recomendam a realização de produção artística nas várias ramificações que compõem a área: “música, artes visuais, dança e teatro, ampliando saberes para outras manifestações, como as artes audiovisuais” (2000, p. 46), de forma que o aluno possa melhor compreender os distintos processos de produção, como manifestações socioculturais e históricas. Indica-se que o estudante desse ciclo saiba fazer arte em telas informáticas, vídeos, CD-ROM, dentre outros, destacando as artes audiovisuais e seus componentes.

Referindo-se à fruição, interpretação e análise do conjunto das artes visuais, existe a necessidade de analisar os meios de arte elaborados através das novas mídias e artes audiovisuais, favorecendo a conscientização a respeito dos meios audiovisuais de comunicação, informação e representação. Também é citada a importância da valorização das manifestações audiovisuais, sugerindo que nas aulas seja estimulada a percepção de homens e mulheres na qualidade de seres sociais e simbólicos que “pensam e se expressam através de signos também visuais, audiovisuais e que se

desenvolvem pelo contato sensível consciente com os signos de sua própria produção, da produção de seus colegas” (Brasil, 2000, p. 55).

Além do incentivo à produção audiovisual presente nos PCNs, temos consciência de que atualmente os dispositivos de produção de conteúdos midiáticos invadem nossas vidas e adentram nossos cotidianos radicalmente. Com o passar do tempo, a abundância de material gerado pela ação no campo do audiovisual impulsiona diálogos instigantes entre a comunicação, informação e o vídeo. Pensando na exploração de sua capacidade de externar manifestações sógnicas e problematização de valores, existe uma grande preocupação em retratar os indivíduos e suas condições e posicionamentos. Segundo Paula Sibília:

Nas últimas décadas, com a expansão dos meios de comunicação audiovisuais e a consolidação dos modos de vida que Guy Debord vislumbra, em 1967, com a instauração de certa “sociedade do espetáculo”, aprendemos a viver num permanente deslizamento entre imagens. E, ainda, em meio a essa proliferação imagética, verifica-se hoje um crescente devir-imagem em termos de subjetividade e corporeidade; isto é, uma incitação à produção do “eu” na esfera do visível. (2013, p. 119)

A produção de si na esfera do visível bem como a multiplicação da produção de subjetividade são alguns dos destaques do fazer audiovisual inserido no organismo escolar. Os mecanismos e aparatos que caracterizam a contemporaneidade propiciam vias pelas quais os indivíduos podem se manifestar projetando-se através de sons e imagens em movimento para alcançar e dialogar com outros sujeitos e situações.

Os canais em plataformas de compartilhamento de material audiovisual como o *You Tube* e até mesmo o *Vimeo*, da autoria de cidadãos que querem deixar sua opinião sobre diversos assuntos, vem crescendo de maneira extremamente vultosa, atingindo milhares de espectadores que por sua vez podem se comunicar com o responsável do vídeo para trocar ideias. Essa descentralização da produção e disseminação de saberes faz perceber novamente a importância exercida pela prática audiovisual na sociedade em que vivemos atualmente.

Desalinhamentos: sensibilização do olhar

Focalizando a produção audiovisual no ensino de Arte, proponho experiências desprendidas dos vídeos padronizados da cultura de massa e de práticas tradicionais tais

como roteiro, enquadramento e iluminação. Ao invés disso, busco trilhar minha proposição muito mais na direção de possibilidades experimentais através da linguagem do vídeo com o objetivo de desalinhar o olhar nutrido pelas ramificações da mídia massificada.

Sobre esse assunto, Guattari diz que a juventude é “esmagada nas relações econômicas dominantes que lhe conferem um lugar cada vez mais precário, e mentalmente manipulada pela produção de subjetividade coletiva da mídia” (2001, p. 14). Seguindo a linha de pensamento do autor, penso que a produção audiovisual, através da comunicação e troca de conhecimentos entre os sujeitos, auxilia os estudantes em seu posicionamento mais sensível e crítico perante a mídia, inclinando-os para a construção de uma pseudo-identidade cultural.

O objetivo aqui é uma ampliação no repertório imagético dos jovens, oferecendo-lhes outras possibilidades de expressão/produção de seus conhecimentos e subjetividades, buscando na linguagem audiovisual, própria da cultura de massa, “antídotos para a uniformização midiática e telemática, o conformismo das modas, as manipulações da opinião pela publicidade, pelas sondagens” (Guattari, 2001, p. 16). Através dessa prática, busca-se possibilitar um distanciamento entre o jovem e os conteúdos e modelos estéticos das imagens que ele vê nos canais midiáticos em geral, para que dessa forma seja capaz de se apropriar da manifestação audiovisual podendo expressar-se de maneira mais autônoma e singular.

Com as questões anteriormente citadas em mente, foi projetada uma oficina de audiovisual contextualizada no ensino de Arte na tentativa desviar o participante da zona de conforto em relação à sua maneira de olhar. O desconforto momentâneo tenciona problematizar alguns pontos da influência da mídia sobre nossa maneira de ver e de se relacionar com o nosso meio. Essa oficina, delineada a seguir, será realizada nos próximos meses com estudantes de diferentes faixas etárias e contextos, inclusive com uma turma de Estágio Docente de uma graduação de Licenciatura em Artes Visuais.

Na primeira etapa da oficina, são explorados dois vídeos relacionados ao olhar que interage e (re)interpreta o meio que o cerca, buscando uma discussão sobre o assunto através da análise e reflexão sobre as imagens em movimento. Os audiovisuais em questão são as obras *Cinema Lascado* (2010) de Giselle Beiguelman e *Você Não Está Aqui* (2012) de Giselle Beiguelman e Fernando Velázquez.

A primeira obra resultou de gravações feitas no Elevado Costa e Silva, conhecido como “Minhocão”, na cidade de São Paulo. Nesse vídeo é possível visualizar

fragmentos visuais distorcidos, quebrados e acoplados que trazem o aspecto urbano que compõem o Minhocão, lançando sobre esse ambiente um olhar desapegado de convencionalismos.

Já a segunda obra escolhida consiste em uma vídeo instalação que traz um banco de imagens contendo as paisagens de vários lugares, as quais o espectador pode escolher e editar através de modificações de elementos da imagem (a cor, por exemplo), reeditando os caminhos percorridos e capturados pelos artistas. A instalação é exposta por meio de um dispositivo que exhibe as imagens em 360 graus, que por sua vez acompanha a movimentação de quem está interagindo com a obra.

Em uma etapa de reflexão após o confronto com as obras, caberá discutir sobre nossos percursos e elementos cotidianos e como nos relacionamos com eles, o que nos ronda diariamente e como percebemos esses trajetos, o que nos guia e nos desvia por entre eles?

Em um segundo momento será realizado um passeio, uma caminhada por entre trajetos cotidianos, porém este passeio não é efetuado de maneira costumeira. Será confeccionado um canudo fino com folha sulfite A4 que servirá como instrumento direcionador do olhar do transeunte: ele deverá limitar-se a observar a paisagem através do canudo. A dinâmica é inspirada em uma experiência realizada por Azevedo (2013).

Essa ação vislumbra “uma estética que brota de um recorte, de um novo que surge com a limitação do olhar e que, paradoxalmente, amplia esse olhar [...]” (Bemfica; Azevedo apud. Azevedo, 2013, p. 234). Através da momentânea limitação do olhar afunilado no canudo, nasce a provocação de uma maior atenção aos detalhes e direções que vão sendo percorridas. Em função dessa experiência peculiar, o olhar fica à margem de modificações que tendem à aguçar sua sensibilização, culminando em um olhar que desabrolha desse enquadramento singularmente atento.

No percurso, através dos desbravamentos potencializados por esse olho que afunilou seu campo de visão para melhor conhecer seu ambiente e entender alguns porquês de seus métodos de perceber visualmente, propõe-se a produção de um audiovisual experimental. Essa produção deve expressar de alguma maneira, quais foram os elementos que lhe chamaram atenção, as diferenças causadas pela nova formatação do olhar condicionado ao “binóculo” de papel e os sentidos engendrados durante o percurso.

Em seguida, será realizado o compartilhamento do material produzido entre os participantes da oficina para que haja uma troca de ideias sobre o processo de criação.

Através da análise das imagens e discussão sobre a experiência, será possível refletir a respeito dos elementos e imagens midiáticas que já fazem parte do cotidiano de professores e alunos, comparando-os com a nova estética descoberta durante a prática, indo na direção de um saber mais significativo e da sensibilização do olhar.

Desassossegando meu olhar: considerações em curso

Pretendendo experimentar a atividade que criei para entender como eu iria me comportar diante da proposta, achei importante realizar uma auto aplicação das ações que dão corpo à oficina. Assim, realizei todas as etapas descritas anteriormente e descobri algo que meu olhar nunca antes havia percebido.

As primeiras dessemelhanças entre a forma de olhar a que estou habituada, com os dois olhos, e a proporcionada pelo binóculo de papel, foram a desestabilização do equilíbrio no meu caminhar e a percepção de mim mesma como um corpo. Senti como se toda minha estrutura física de repente estivesse concentrada no alicerce de meu olhar, como se minha essência fosse meu campo de visão, desconectando-me de meus outros membros. Minha atenção e percepção estavam focalizadas naquela moldura afunilada.

Continuando minha caminhada curiosa, também precisei mirar meu olhar constantemente em direção aos meus pés, direcionando-o à um nível inferior daquele ao qual estou acostumada. Foi então, que em um desses olhares voltados para baixo, deparei-me com algo que eu nunca antes havia reparado, mesmo estando em meu caminho diariamente.

Preso à lataria de um caminhão pelo qual passo diariamente, estava uma volumosa e cintilante teia de aranha, do tamanho de uma bola de futebol, gotejada por delicadas e minúsculas esferas de água, que haviam sido concebidas pela cerração daquela manhã gélida. Pela primeira vez vi uma teia cravejada por gotinhas lustrosas, uma trama que parecia um complexo colar de pérolas. Fiquei impressionada por sua sustentação: a grande estrutura de filetes estava presa à um miúdo fio prateado, que ligava-a às pedras do calçamento no chão.

Aqueles estreitos fios metálicos que amparavam brilhantes gotas de água despertaram-me para uma delicadeza que por algum tempo meu olhar havia esquecido. A pressa cotidiana somada à enxurrada de imagens midiáticas que me encharca diariamente iam aos poucos embrutecendo minha maneira de apaixonar-me através de

meus olhos, de produzir signos por meio das preciosidades corriqueiras que perpassam meus caminhos.

Após a experiência, novamente tensionei meu olhar na produção de um vídeo experimental ao qual intitulei como *Finos Fios* (conforme Figura 1). Ousei aventurar-me com minhas percepções através das significações que transpassaram-me tanto no trajeto que me conduziu até a teia, quanto na gravação de minha descoberta e na pós-produção das imagens e sons captados. Uma nova sensação desabrochou sintonizada no canal de meu olhar, que se desassossejou para espreitar o ambiente por meio do binóculo e descobrir novos elementos.

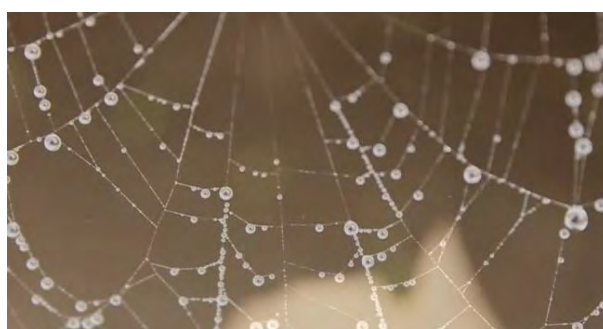


Figura 1- Frames do vídeo *Finos Fios*, 2016. Fonte: Acervo pessoal da autora.

Através de minha vivência pude perceber a efetividade da configuração da oficina em relação ao meu objetivo de desnaturalizar, desalinhar, desenquadrar, desestabilizar, desestruturar, descodificar edesconfigurar o olhar endurecido e alienado pela velocidade imposta pela contemporaneidade e pela padronização estética e de conteúdo nutrida pela mídia de massa. É na potência de desnaturalização das subjetividades pelo viés da produção audiovisual experimental explicitado nas linhas que compõe o presente texto, que vislumbro valorosas possibilidades de sensibilização do olhar no ensino de Arte.

Referências:

ALMEIDA, C. Z. As relações arte/tecnologia no ensino da arte. In: PILLAR, A. D. (Org.). *A educação do olhar no ensino das artes*. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

AZEVEDO, C. T. *Por uma educação ambiental biorrizomática: cartografando devires e clinamens através de processos de criação e poéticas audiovisuais*. 2013. 350 f. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Parâmetros curriculares nacionais (ensino médio) – linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: MEC/SEB, 2000.

COSTA, Cristina. *Educação, imagem e mídias*. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2013.

GARCIA, B. F. C. S.; BARAÚNA, D. N. A.; MANESCHY, O. F. Audiovisual no ensino médio: videoarte paraense como conteúdo e material didático. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 22., Belém, 2013, *Anais...* Belém: ANPAP/PPGARTES/ICA/UFGA, 2013. v.1. p. 1009-1022.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. 11. ed. Campinas: Papirus, 2001.

SIBILIA, Paula. Os corpos visíveis na contemporaneidade. In: BRASIL, A.; MORETTIN, E.; LISSOVSKY; M. (Orgs.). *Visualidades hoje*. Salvador: EDUFBA, 2013.

Referências Audiovisuais:

CINEMA lascado. Direção: Giselle Beiguelman. Produção: Giselle Beiguelman. Videoarte, 04'18". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mMR4PQV42jo>>. Acesso em junho de 2016.

VOCÊ não está aqui - gisellebeiguelman e fernandovelázquez - emoção art.ficial 6.0 (2012). Direção: Itaú Cultural. Produção: Itaú Cultural. Fragmento explicativo de videoinstalação, 01'00". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NplS765RwU0>>. Acesso em junho de 2016.